

# Dinamismo trinitário em Maria

## —A Igreja primordial

### Introdução

No plano salvífico de Deus, a Nova Aliança delineia-se intimamente ligada ao mistério de Maria. Quer S. Lucas quer S. João apresentam a figura de Maria saudada pelo céu como aquela onde encarna a graça redentora (Lc 1,28), como aquela cuja fé a torna Mãe dos discípulos (Jo 19,26s). Cheia de graça, Mãe do Senhor e bem aventurada por ter acreditado são os títulos evangélicos de Maria, sobre os quais, ao longo dos séculos, a Igreja desenvolveu a sua Mariologia.

Pode mesmo ser dito que a fé no mistério de Maria é uma afirmação cristológica a partir da fé no Deus Trino:

Creio em Deus Pai todo poderoso  
E em Jesus Cristo Seu único Filho, nosso Senhor  
Que nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria <sup>1</sup>.

Nos primeiros séculos cristãos, o papel de Maria é puramente cristológico, e garante que o Verbo de Deus é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porque nascido da mulher (Gl 4,4). Mas, unida à missão de Cristo e *Theotokos* <sup>2</sup>, Maria tem um papel eclesial. É tipo

---

<sup>1</sup> Fórmula Romana antiga [R] = PG 42, 385D.

<sup>2</sup> Segundo SÓCRATES, *História Eclesiástica* VII,32=PG 67,812, este título é testemunhado por Orígenes na obra perdida da Carta aos Romanos. Cf. H. CROUZEL, *La Théologie Marial d'Origène* =SC 87,21.

da Igreja de Cristo, e, assim, o acto gerador do Verbo Encarnado e o acto gerador da Igreja avizinham-se até à identificação<sup>3</sup>. O Verbo de Deus que, de maneira pura abriu o seio que Ele tornou puro, regenera nele os homens em Deus<sup>4</sup>.

O Ocidente mantém esta quase indistinção até ao século V, mas é, no Oriente, que Maria é a Igreja concretamente personificada e universal<sup>5</sup>, com uma missão que não pode ser posta em paralelo com os outros membros do Corpo de Cristo. Ela participa da missão universal de Cristo, logo, Ela é a Igreja que unifica em si a plenitude de graça e santidade que jorra do Salvador. É, pois, a relação Cristo – Maria que, vista em sentido pessoal e único, representa a essência da Igreja.

A esta Mariologia cristotípica sucede, na Idade Média, uma Mariologia eclesiotípica, porquanto Maria, no seu sim, representa toda a humanidade<sup>6</sup>, sendo por isso intercessora e Mãe de misericórdia. Mãe do Corpo místico, Maria deve assumir agora o atributo de esposa de Cristo. Assim A vê o século XII, quando Apoc 12 é interpretado mais referido a Maria do que à Igreja.

Esta Mariologia mantém-se durante toda a Idade Média e toda a Idade Moderna, quer em posições moderadas e críticas, como as Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, mais tarde, Belarmino, Newman e Pascal, quer em posições exaltadas que transferem para Maria atributos especificamente cristológicos e mesmo divinos.

Impunha-se uma nova reflexão exegética da Sagrada Escritura e da Patrística sobre a relação Maria-Igreja no plano e na acção de Deus Trino. Ela preparou a viragem Mariológica do Concílio Vaticano II em direcção à Mariologia Patrística e da Alta Idade Média.

Na *Lumen Gentium*, Maria é apresentada como membro proeminente da Igreja (52; 66), e o esquema Conciliar, partindo da relação Cristo-Maria (56-59), estabelece a diferença entre a sua vida terrena, na fé, e a Sua existência exaltada no céu, como rainha do universo (59) e cooperadora na ordem da graça (61).

Mas como é que a relação Maria-Cristo se realiza em definitivo? Escreve Hans Urs von Balthasar que, no esquema Conciliar, se fica num paralelismo tipo e antitipo, sem que entre em jogo o

<sup>3</sup> Cf. IRENÆUS, *Adv. Hæc.* IV, 33,4 =CS 100, 812.

<sup>4</sup> *Ibidem* IV, 33,11, 830.

<sup>5</sup> Cf. CYRILLUS Alex. =PG 77, 996BC.

<sup>6</sup> Cf. THOMAS Aq. *S. Th.* III, 30,1.

motivo de identidade Igreja-Maria que já surgira, por exemplo, em Santo Ireneu<sup>7</sup>.

Concebe-se que, na Virgem Imaculada, a Igreja já atingiu a sua perfeição, mas fica em aberto o papel concreto da Virgem na geração eclesial. Porque imagem e início da Igreja, Maria, glorificada já em todo o seu ser, é sinal de esperança para a Igreja peregrina. Mas como é que a acção de Deus Trindade Santíssima age em Maria, universalizando salvificamente o espaço nela aberto em comunhão eclesial?

Procuraremos, nesta comunicação, dar um pequeno contributo, no sentido de apresentar uma tentativa contemporânea de resposta a esta questão, que tem também em vista um modelo eclesial que espera dar continuidade ao apresentado na *Lumen Gentium*.

Além disso, quisemos apresentar aqui, também, duas perspectivas mariológicas de teólogos portugueses dos séculos XVI e XVII: Dom Frei Amador Arrais e o Padre Manuel Bernardes.

Praticamente contemporâneos do Concílio de Trento, nele alicerçam as suas perspectivas eclesiológicas e mariológicas. Mas ambos intuem o papel da Virgem Mãe de Deus no querer e no agir Trinitário. Esse, o ponto de partida que propomos nesta comunicação, *ponto presente na perspectiva conciliar e na Teologia contemporânea*. Trazer estes dois autores para esta comunicação é também deixar ouvir um pouco da reflexão crente do povo português que, desde os primórdios da sua nacionalidade, considera a sua pátria a Terra de Santa Maria.

Algumas palavras que os apresentem:

Dom Frei Amador Arrais é o carmelita alentejano, prelado e escritor, do qual se comemora, neste verão do ano 2000, o quarto centenário da sua morte. Nasceu em Beja, cerca de 1530, e faleceu em Coimbra, no dia 1 de Agosto de 1600. Estudou em Beja e em Coimbra, tendo tomado hábito de Carmelita no Convento de Nossa Senhora do Carmo, em Lisboa. Doutorou-se em Teologia em Lérida. Em 1578, é nomeado bispo auxiliar de Évora, e, em 1581, bispo de Portalegre, onde exerce uma excelente acção pastoral, dando primazia às obras de misericórdia corporais junto de órfãos e viúvas do desastre de Alcácer Quibir, e também junto de vítimas quer da peste quer da pobreza quer ainda do aprisionamento na guerra con-

---

<sup>7</sup> Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Theodramatik II. Die Personen des Spiels. Teil 2 Die Personen im Christu*. Einsiedeln 1978, 292.

tra os mouros. Tenta aplicar na sua diocese a legislação tridentina, mas geram-se desinteligências com o cabido, o que o leva a renunciar ao bispado, em 1596. Volta, então, ao Colégio da Conceição da Ordem Carmelita de Coimbra. Aí escreveu os *Diálogos*, dos quais o décimo é, no dizer de Josué Pinheiranda Gomes, “uma meditação mariológica de alto quilate, na tradição carmelita, com a declaração professa e convicta de que a Virgem foi concebida sem pecado original, assim propondo a via para o dogma, mais tardio, da Imaculada Conceição; e de Maria, Mãe de Deus, Mãe da Igreja, Mãe dos Anjos e Mãe dos homens”<sup>8</sup>.

O Padre Manuel Bernardes nasceu em Lisboa, em 1644, onde fez os primeiros estudos no colégio jesuíta de Santo Antão, partindo depois para Coimbra, para os estudos teológicos. Alcança os graus de Mestre em Filosofia e de Bacharel em Direito Pontifício. É ordenado sacerdote e, em 1674, professa, em Lisboa, no Convento do Espírito Santo dos Oratorianos. De 1708 a 1710, perde progressivamente as faculdades mentais, morrendo a 17 de Agosto de 1710. A seu respeito escreve, na introdução à sua obra, o Padre Alberto Lopes Rodrigues: “Muito de bom e útil ainda se encontra nele, em comparação com as aerofagias teológicas verbais do nosso tempo”<sup>9</sup>.

Dedicámos, com gosto, algum tempo a conhecer o pensamento destes dois escritores conterrâneos, mas tem sido a frequência de teólogos da nossa época como Hugo Rahner, Otto Semmelroth, Henri De Lubac, Odo Casel, Louis Bouyer, De Fiores, Ignace de la Potterie e, principalmente Hans Urs von Balthasar que têm alicerçado quer o nosso retorno às fontes bíblico-patristicas quer a reflexão que passamos a apresentar.

## 1. Deus trino e o espaço humano

A Trindade divina é comunhão de amor, plenitude de fidelidade sem começo nem fim: comunhão eterna.

Se este é o âmago da revelação cristológica, ela explicita-se no espaço humano como uma benção e uma escolha em Cristo, para participar na plenitude. Lembremos a carta paulina aos Efésios: “Bendito seja o Deus Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos altos

<sup>8</sup> J. P. GOMES, in: *Jornal Notícias de Beja*, Out/Nov, 1999.

<sup>9</sup> A. L. RODRIGUES, Introdução a Padre Manuel BERNARDES, *Obras*, I-V, Lello & Irmão, Porto 1974, XXXIII.

céus nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na Sua presença no amor” (Ef 1, 3-4).

Toda a natureza humana é, em Cristo, um provisional de comunhão. Ela é um espaço aberto pela comunhão divina, e chamado a tornar-se um tempo de definição da liberdade por ou contra o amor, espaço chamado a realizar uma história que acolha o peso da acção divina, a glória eterna<sup>10</sup>, que é fidelidade no amor, que é comunhão. E a glória eterna, como universalidade do amor plenitudinizante, encontra analogia na universalidade do espírito humano aberto aos abismos profundos da vida. É um santo conhecimento intuitivo orientado pelo dom do amor divino.

Eternamente eleita à comunhão Trinitária, a natureza humana responde, todavia, na ambiguidade da sua vontade que oscila entre a abertura à plenitude e o querer agarrar, para si, o tempo, como a usurpar para ele a eternidade (a usurpar o que Deus tem de próprio), numa autonomia auto-dispositiva.

E, afinal, é na relação eternidade-tempo que se define o espaço humano. Como dizia Santo Agostinho, a eternidade é eminente, criadora e santa. Precede todos os tempos passados do cume do seu presente, e supera todos os futuros. Mas a criatura é tempo. Não encontra, em si própria, capacidade de ser, e a sua característica principal é tender para o não ser, pois o presente passa, e já não é tempo, o futuro ainda não é tempo, e entre ambos a extensão é mínima<sup>11</sup>.

Ora, se o tempo humano deve ser tempo de atenção à eternidade divina, é um facto que ele o é também de distração, que é uma imersão no tempo.

A atenção à eternidade divina permite sempre uma nova criação, um presente cheio de futuro, porque um presente eterno num tempo de salvação. A atenção do tempo à eternidade é uma peregrinação de comunhão em comunhão. Ela acolhe a eternidade a percorrer o tempo, numa corrente interior que rompe a finitude deste sem pôr termo à história, mas enxertando nela, por graça divina, as sementes da glória. E as sementes da glória enxertam-se

---

<sup>10</sup> Glória, do hebraico *kabod*, significa peso, como abertura da profundidade divina em dom de Si.

<sup>11</sup> Cf. A. AUGUSTINUS, *Conf.* XI, 13-15 =CCL,27,202ss.

em cada ser humano quando lhe é dada, e ele escuta, a missão que o abre à comunhão com os outros. Comungar com os outros é comunicar a realidade da qual se participa em comum. A eleição confirma-se na missão que Deus confere a cada ser humano. Sendo eleitos por Deus Trino na eternidade do Seu amor, a cada um é conferida uma missão específica, que abre ao mundo a consistente salvação divina.

## 2. **Maria no espaço humano**

A vivência da missão dá-se na relação acolhida entre a eternidade e o tempo. Se toda a humanidade criada é um provisional de comunhão, Maria é conosco criatura eleita em seu Filho eterno para a plenitude, para a glória. E, porque a sua eleição é comum à da humanidade, Ela é membro da assembleia dos que acolhem o Salvador. Mas, porque Ela é espaço aberto a acolher plenamente o Salvador – o Verbo feito carne –, Ela é espaço de total predileção de Deus Trino, é espaço de abertura à eternidade, em função da missão salvífica que definirá a própria Pessoa do Filho – *Ieshû'a* – Deus salva.

O espaço aberto em Maria pelo amor Trinitário é um convite da eternidade a uma resposta temporal num tempo humano totalmente livre, porque tempo de acolhimento contínuo da salvação: este, o tempo orante; este, o tempo de missão; este, o tempo da resposta virginal.

Maria não é um ser passivo, “sugado” pela acção divina. É uma liberdade que consente que a acção divina lhe dê uma missão que ultrapasse o que humanamente pode compreender.

Maria é mulher de fé: abandona-se a Deus e à universalidade do Seu amor. Ela é mais do que um membro da Assembleia dos crentes, é célula primeira e pura dessa Assembleia, imagem da sua realização na glória da Parusia, adoradora do Deus vivo que a penetra e a torna a nova Eva, a Mãe da vida que se dá em partilha na acção trinitária de Deus.

Na Sua solicitude salvífica, o próprio Deus se esmerou em preparar esta primeira célula de comunhão no espaço humano. Chama-lhe a Igreja Conceição Imaculada, e, desde os primórdios, essa é a fé cristã, e nela a do povo português, fé que este já encontrou na Península, antes mesmo de se formar como nação e Terra de Santa Maria.

### 3. A Trindade divina e a missão de Maria

Escutemos Dom Frei Amador Arrais acerca do esmero que Deus pôs na concepção da Virgem Maria:

“[...]Sendo pois Deus tão amigo de sua honra, e havendo de vir à terra (é linguagem de doutores santos) que as três divinas Pessoas da Santíssima Trindade entraram em consulta sobre a eleição de uma mulher, em cuja pessoa concorressem tais partes que com muita honra e decência se pudesse chamar Mãe de Deus, e na verdade o fosse. Muitas mui raras e ilustres mulheres se tinham visto nas idades e tempos passados, as Saras, as Rebecas, as Déboras, Anas, Ester, Judith, Isabel, e outras muitas que Deus teve presentes a Seus olhos, mas, tendo assentado escolher uma que fosse Janela do Céu Empírio, por onde saísse aquela Eterna luz a alumiar as trevas deste mundo, que fosse escada pela qual Deus descesse aos homens, e os homens subissem a Deus, em cujo ventre como em Cofre se metessem todos os tesouros e riquezas do Céu: De quem como da terra Virgem se formasse o corpo do segundo Adão: Donde como do Paraíso Terreal brotasse uma fonte com cujas águas de graça e doutrina se havia de regar toda a face da terra: e finalmente tal que, parindo a mesma vida, reparasse os danos daquela primeira mulher que foi mãe da morte, fim da vida gloriosa que houveramos de viver, e princípio do cativoiro de que Cristo nos livrou”<sup>12</sup>.

Tal como a eleição de todo o género humano, a de Maria é decisão trinitária.

Escreveu o frade alentejano:

“*Ab æterno* se consultou em consistório da Santíssima Trindade o mistério da Encarnação do nosso Deus. Porque, se a consulta divina precedeu a criação do homem, também precederia a recriação e redenção sua, que comodamente se não podia fazer sem a Encarnação do Senhor. A qual, sendo *ab æterno* destinada, se executou a seu tempo”<sup>13</sup>.

E a todas as Pessoas divinas cabe a tarefa da Encarnação:

“Não se há de entender que só a Pessoa do Espírito Santo obrou o Mistério da Encarnação e formou a carne humana do Filho de Deus, ainda que só Ele a tomou; mas todas as três Pessoas igualmente obraram este mistério. Regra é de Santo Agostinho que todas as

---

<sup>12</sup> A. ARRAIS, *Diálogos*, Lello & Irmão, Porto, 1974, 595s.

<sup>13</sup> *Ibidem*, 621.

obras que Deus faz fora de Si, nas criaturas, são comuns a todas as três Pessoas, e não faz mais uma do que outra, nem uma sem outra. Só o proceder uma Pessoa da outra não é comum a todas as três Pessoas. Porque, na processão do Filho obra o Padre e não o Espírito Santo, e, na do Espírito Santo, obra o Padre com o Filho, e não a Terceira Pessoa. Mas em tudo o que sai dali para fora obram todos Três, e assim se houveram na Encarnação”<sup>14</sup>.

A unidade da acção Trinitária é desígnio divino de plenitude que, anterior à fundação do mundo, é o plano eterno de Deus, é a benção dada nos céus, que se torna benção em Cristo<sup>15</sup>. A bênção é acção trinitária transcendente que abre ao homem um espaço escatológico.

É a benção da plenitude da glória, o poder do Altíssimo, que cobrirá Maria com a sua sombra, e Ela gerará o Filho de Deus (Lc 1,35). Então, o Anjo dá-lhe um nome novo – a Cheia de Graça – (*Kecharitômenè*). Ora, impor um nome foi, em toda a história de Israel, e é, em Maria, dar uma missão<sup>16</sup>.

“Alegra-te” – diz-lhe o Anjo – e com esta expressão anuncia um acontecimento salvífico<sup>17</sup>, que irá privilegiar a comunidade, mas que é antecipado em Maria, com a missão de ser Mãe do Messias. O futuro messiânico anunciado a Isabel torna-se presente em Maria. A nova Filha de Sião recebe o nome de missão que a identificará – Cheia de Graça<sup>18</sup>.

A graça com a qual o Pai nos agraciou em Seu Filho bem amado (*echaritosen*, de Ef 1,6) pertence à ordem da intenção, mas o partícipio *Kecharitômenè*, Cheia de Graça”, refere antes uma acção santificadora já realizada em Maria, quando o Anjo se lhe dirige, acção que é fruto da definitiva e plena intervenção de Deus

<sup>14</sup> *Ibidem*, 650.

<sup>15</sup> Cf. Jo 3,12; Fl 2,10; 1Cor 15,40s; 2Tm 4, 18; Hb 3,1; 6,4; 8,15; 9,23; 11,16; 12,22. Cf. H. SCHLIER, *Der Brief an die epheser*, 3 Düsseldorf 1962, 45s

<sup>16</sup> Mais tarde, Simão receberá de Jesus um outro nome: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja [...]”(Mt 16,18).

<sup>17</sup> No AT, quer o texto de Sf 3,14 quer 0 de Zc 9,9 cantam o júbilo da Filha de Sião frente ao anúncio salvífico.

<sup>18</sup> A expressão em grego *Kecharitômenè*, favorecida por Deus, cheia de graça divina, é o partícipio perfeito passivo do verbo *charitôo* (verbo causativo, uma vez que é terminado em *ôo*), que deriva do substantivo *charis* – o favor de Deus, a Sua benevolência gratuita oferecida plenamente em Cristo. Porque o verbo *charitôo* tem valor causativo, significa que Deus torna Maria cheia da Sua complacência, faz transbordar a Sua benevolência. O emprego do perfeito passivo indica um estado de graça permanente em Maria, resultante da acção divina.

na história, atestada posteriormente pela Ressurreição de Jesus Cristo e o envio do Espírito santificador<sup>19</sup>.

Como agiu a Santíssima Trindade em Maria? Oijamos Dom Frei Amador Arrais:

“E isto ensinou o Anjo à Virgem. O Altíssimo é o Padre; a virtude ou potência do Altíssimo é o Filho, por quem obra o Padre; e o Espírito Santo amor com que se obrou este altíssimo mistério. Bem podem Três fazer a veste do esposado e um só deles vesti-la no dia de suas bodas: assim nas bodas do Filho de Deus com a natureza humana, toda a Trindade obrou a Encarnação, mas só o Filho vestiu a roupa da nossa mortalidade, segundo aquilo de Sam Paulo (*Habitu inventus ut homo*)”<sup>20</sup>.

A Anunciação é uma cena Trinitária, e o acontecimento da Encarnação do Verbo não é uma proclamação salvífica como foi a do Sinai: é uma realização divina num ser imaculado para receber uma missão única na história – ser a Mãe de Deus.

Mãe Virgem.

A maternidade virginal de Maria é a sua primeira imagem cujo carácter paradoxal os Padres da Igreja sublinham como garantia da maravilha extraordinária que fora anunciada<sup>21</sup> e que Santo Ireneu comenta:

“Porque o que teria de extraordinário e que sinal teria constituído o facto de uma jovem conceber de um homem e dar à luz, o que é o caso de todas as mulheres que geram filhos? Mas, uma vez que a salvação devia realizar-se para os homens de modo inesperado pelo socorro de Deus, assim o dar à luz por parte da Virgem era também inesperado, podendo apenas Deus dar esse sinal, sem nenhuma intervenção humana”<sup>22</sup>.

Mais do que sinal. Hans Urs von Balthasar escreve que o acontecimento da Encarnação de Deus não deve definir-se apenas como ‘sinal’, mas antes como sacramental<sup>23</sup>. O Verbo Encarnado não deixou sinal no corpo da Virgem Sua Mãe; antes, abriu nele o

<sup>19</sup> Noutro texto, S. Lucas fala de plenitude de graça. É em Act 6,8, quando diz que Estevão estava cheio de graça (*pleres charitos*), expressão mais corrente do que aquela que unicamente é usada para Maria, a Mãe de Deus.

<sup>20</sup> *Ibidem*, 650.

<sup>21</sup> Cf. IUSTINUS, *Dialogus cum Triphone* 84, 1-2 = PG 6, 680.

<sup>22</sup> IRENÆUS, *Adversus hæreses*, 3,21,6 = SC 211, 418.

<sup>23</sup> Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Theodramatik* II/2, 306.

espaço salvífico e fecundo do amor universal, e esse é o espaço sacramental da acção de Deus na história<sup>24</sup>. Escreve o Padre Manuel Bernardes:

“Abriste, abriste, ó preciosíssima Maria, passo limpo, por onde o Unigénito baixasse a nós e pusesse os pés na terra”<sup>25</sup>.

#### 4. Maria – sacrário imaculado

Escutemos ainda o Padre Manuel Bernardes:

“Que maior nota, que excelência mais singular, que a da maternidade de Deus? Não entra com todas a que é sobre todas; o mesmo Deus, quando apontou com o dedo do seu decreto para Maria, dizendo: esta será minha Mãe, a eximiu da conta comum, e não quis agravar tão fidalga unidade com número tão mecânico. [...] como não asseguraria Deus a graça a Maria com dizer e decretar: Eu serei teu Filho?”<sup>26</sup>.

A plenitude da Graça deu-lhe a missão de ser Cheia de Graça, isto é, de conceber a Graça Encarnada, que é o Verbo de Deus feito homem, e de O dar à humanidade como dom de salvação.

Escreve o frade carmelita:

“Não só A louvou o Anjo do privilégio e benção singular, que lhe foi concedida entre todas as mulheres, mas também de estar cheia de tanta Graça de quanta era decente ser ornada a que havia de ser Mãe de Deus. São Tomás diz que a medida da Graça se há de tomar da propinquidade à fonte dela, que é Cristo, a quem a Virgem foi mais chegada do que todas as criaturas. Não há cousa mais conjunta ao Filho que a Mãe, nem houve Mãe mais amada do Seu Filho do que a Virgem. [...] E certo é que a quem Deus mais ama, faz maiores bens, porque o bem querer é bem fazer de quem pode quanto quer”<sup>27</sup>.

Decorre da maternidade divina de Maria a fé eclesial na Sua conceição imaculada. O Padre Manuel Bernardes considera o pri-

<sup>24</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>25</sup> M. BERNARDES, *Meditações sobre os principais mistérios da Virgem Santíssima*, in: *Obras IV*, 27.

<sup>26</sup> *Ibidem*, 28s.

<sup>27</sup> A. ARRAIS, *Ibidem*, 634.

vilégio da Imaculada Conceição “tão claramente testificado e comprovado por tantos caminhos, que só lhe falta o definir-se”<sup>28</sup>.

E o que a Igreja irá definir em 1854<sup>29</sup> será que Maria foi eleita eternamente para Mãe do Filho Unigênito, cumulada para tal com a Graça divina, e que essa Graça é: plenitude de inocência e santidade, que a isenta de toda a causa de pecado, porque é comunhão esponsal com Deus<sup>30</sup>.

Na natureza humana, a posição de Maria situa-se, então, entre uma existência de queda (pertence à natureza humana que precisa de salvação) e uma existência paradisíaca (Ela é a Mãe do Salvador)<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> Faz mesmo um breve historial da posição oficial da Igreja até à sua época: «Sisto IV aprovou o ofício da Conceição e concedeu se dissesse nas igrejas e coros, como os outros ofícios eclesiásticos. Gregório XV proibiu falar-se contra o Mistério, que afirma a sentença pia, até em colóquios particulares e por escrito, e mandou que na celebridade do ofício e missa da festa se não usasse de outro nome, que o de Conceição: muitas vezes está declarado que o que a Igreja celebra neste Mistério não é só sua espiritual conceição ou santificação; e ultimamente o Papa Alexandre VII, por bula especial, declarou que a Igreja celebra a Conceição da Senhora no instante de sua animação. O Concílio Tridentino declarou não ser sua intenção incluir a Virgem nas locuções gerais do pecado. As religiões sagradas seguem e pregoam o mesmo Mistério e o têm ilustrado nos sermões e livros doutíssimos e quase inumeráveis As universidades e os doutores, ao entrar nas cadeiras e receber os graus de sua literatura, o juram. Os reis lhe dedicam templos e põem seus reinos debaixo do seu patrocínio. Muitos servos e servas de Deus tiveram desta verdade revelações acreditadas, entre as quais se contam Santa Gertrudes, Santa Brígida, Santa Francisca Romana, Santa Hildegarda, S. Norberto, S. Francisco de Sales e outros muitos; e pelo contrário, alguns que fingiram revelação contrária foi sua impostura descobertae publicamente castigada. Muitos milagres obrados em abono do mesmo Mistério trazem autores fidedignos, e um só deles ajuntou até número de setenta e dois” (*Ibidem*, 30).

<sup>29</sup> Cf. PIUS, PP. IX, *Bula Ineffabilis Deus*, 1854 = Coll. Lac 6, 836-842.

<sup>30</sup> É como toda santa que Maria é exaltada pela Patrística até ao Concílio de Niceia (325). Na polémica pelagiana, uma tal perfeição e dignidade de Maria torna-se um pressuposto importante para Pelágio e Julião de Eclana, o que o próprio Santo Agostinho aceita quando diz que “a piedade impõe reconhecer Maria sem pecado” (AUGUSTINUS, *De natura et gratia* 42 = PL 44, 267). Mesmo nascida de pais humanos, a condição pecadora recebida por nascimento é completamente suprida pela graça. No Oriente, André de Creta († 740) diz de Maria: “Ela nasce como os querubins, aquela que é de uma argila pura e imaculada” (*Panegyrique pour la fête de L’Assomption* 5, in: A. WENGER, *L’Assomption de la T.S. Vierge dans la tradition byzantine du VIe au X<sup>e</sup> siècle*, Paris 1955, 275).

<sup>31</sup> Na Igreja Antiga, Santo Ireneu, Tertuliano, Orígenes, S. João Crisóstomo e Santo Atanásio anotam algumas dificuldades superadas por Maria desde as Bodas de Caná até à cruz, dúvidas que, no dizer de Orígenes, são a espada que atravessa o Seu coração. Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Ibidem*, 294.

Hans Urs von Balthasar escreve:

“Pode ver-se o privilégio da conceição imaculada em relação com a dupla missão de Maria: de transmitir, como Mãe e na pureza exigida por seu Filho, toda a realidade humana de que Ele necessita, e de poder como ‘auxiliar’ e ‘esposa’ compadecer com o Filho [...]. Assim, o ‘estado originário’ de Maria não é algo de fechado em si, torna-se muito mais capaz de participar nas dores dos outros filhos de Adão, e de tal modo que possa ser finalmente um verdadeiro baluarte de misericórdia”<sup>32</sup>.

Maria pertence ao povo de Israel, mas é Deus que a prepara para o novo povo de Deus, e a torna lugar de nascimento não só do Seu Filho mas também de todos os baptizados em nome da Santíssima Trindade.

Entre o tempo e a eternidade, a posição de Maria é de gerar, não só na pureza sem pecado e virginal, porque totalmente aberta à fecundidade divina, mas também nas dores da temporalidade e do deserto, filhos para a vida eterna<sup>33</sup>. É uma posição de passagem nela para o Pai, e, assim, Ela é o Santo Templo do Espírito que acolheu no mundo o Filho eterno de Deus.

“Sacrário do Filho de Deus” lhe chama o Padre Manuel Bernardes<sup>34</sup>, e ainda, Sacrário digníssimo da Santíssima Trindade”<sup>35</sup>.

“Capela de Deus” designa-a Dom Frei Amador Arrais, e pergunta:

“Mas onde se achou Deus tão presente como nesta capela, que foi a primeira em que esteve Sua corporal presença?”<sup>36</sup>.

E, para exaltar a posição única de Maria, acrescenta :

“Que coisa mais luzida do aquela Senhora que foi escolhida da divina luz, que gerou o corpo de Cristo sem contágio de culpa; Virgem era no corpo e na alma, e nunca com culpa alguma adulterou sua puríssima afeição. [...] que obraria na puríssima Virgem aquele sol de infinita potência, não se apartando nunca dela Aquele fruto benditíssimo do seu ventre de onde lhe vieram todos os bens?”<sup>37</sup>.

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, 297.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 307.

<sup>34</sup> M. BERNARDES, *Ibidem*, 44.

<sup>35</sup> *Ibidem*, 50.

<sup>36</sup> A. ARRAIS, *Ibidem*, 629.

<sup>37</sup> *Ibidem*, 635.

É do fruto que é fecundada toda a árvore que, em Maria, se estende a toda a humanidade crente. Explica:

“Em as outras árvores, do sol e da água recebe a terra virtude que comunica à raiz, e a raiz ao tronco, e o tronco a distribui pelos ramos, e os ramos pelas folhas, e as folhas pelos frutos; mas para esta árvore celestial, do seu bendito fruto manou toda a virtude, e dela se derivou para o tronco e raiz, isto é, para os Patriarcas, e primeiros Padres, e chegou até à mesma terra que são os míseros pecadores”<sup>38</sup>.

Existência salva, Maria é espaço puro e libertador do pecado e da morte, que lhe é correlativa<sup>39</sup>. Unida ao Filho em toda a vida histórica do Salvador, une-se ao Mistério da Sua cruz, à cabal resposta que o Filho dá ao Pai; deixa-se assumir na própria resposta do Filho, em pleno acolhimento do desígnio salvífico de Deus sobre a história. E é esse acolhimento que faz dela espaço de eternidade no tempo humano – assumpta à glória celeste e essência pessoal da Igreja neotestamentária.

É assim que toda a Mariologia está intimamente referida à Cristologia, no Mistério trinitário que ela revela, e inserida na Eclesiologia.

## 5. Maria – a proto Igreja

É a acção de Deus Trino e a liberdade nupcial de Maria que exprimem a sua fecundidade virginal, e determinam a sua descendência. A sua missão nupcial é de fecunda receptividade da salvação, o que a torna Virgem Mãe.

É esse o ponto fundamental do “ser Igreja”. Em cada crente, Cristo nasce misticamente, mas nesta crente, na qual nasce, fá-la Virgem Mãe. Foi neste sentido que escreveu já S. Máximo, o Confessor:

“Cristo sempre novo, e por um movimento próprio, nasce de uma maneira mística na alma. Torna-se carne naqueles que recebem a salvação, e a carne na qual nasce transforma-a em Virgem Mãe”<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> É como existência salva que, no nosso tempo, *a vê a Munificentissimus Deus*.

<sup>40</sup> MAXIMUS, Conf., *Expositio Orationis Dominicae* = PG 90, 889A.

Maria é mais do que tipo da humanidade criada. Ela é convidada pessoalmente a ser fecundada pela acção trinitária e a gerar a vida divina. A acção nupcial de Deus em Maria é primícia daquela que constitui a Igreja, porque ser Igreja é consentir e viver uma relação nupcial em diálogo de amor.

Se já com o Filho Maria diz ao plano divino – “Não se faça a minha vontade, mas a Tua” –; e se entre o querer do Filho e o sim da Virgem na Anunciação há uma prioridade recíproca num círculo indissociável; se a prioridade é a do sim imaculado da cruz, mas a possibilidade da cruz se deve ao sim virginal de Maria; e, se a comunhão salvífica decorre da comunhão entre Mãe e Filho no sim dado à comunhão Trinitária: então, o sujeito Igreja, enquanto comunhão em Cristo no sim a Deus, está não só exemplarmente mas também incoativamente presente em Maria que, na sua pessoa e missão, pode ser chamada centro pessoal da Igreja e seu último fundamento.

Aproximava-se desta intuição o Padre Manuel Bernardes, quando escrevia:

“Na singularidade e pureza parece-se com Deus e parece-se com a Igreja: com Deus, como Mãe que havia de ser do mesmo Deus; com a Igreja, como principalíssima parte da mesma Igreja, esposa de seu Filho Jesus Cristo; com Deus, ficando só a Deus inferior; com a Igreja, ficando superior a toda ela, na santidade”<sup>41</sup>.

Também Dom Frei Amador Arrais aborda a íntima relação Cristo-Maria, não só na vida histórica do Senhor mas também depois da Ressurreição e envio do Espírito Santo, mostrando o papel que Maria assume na Igreja nascente. No capítulo LXXIV dos *Diálogos*, que intitula : *Dos prazeres da Virgem na Ressurreição de seu Filho que foi causa da nossa*, com doce piedade refere o encontro, ainda que não escrito no Evangelho, entre Cristo ressuscitado e Sua Mãe, e a alegria desta:

“Havia guardado esta Senhora algumas lágrimas que com pena demasiada não pudera verter ao pé da cruz, e estas derramaria em pura alegria em sua Ressurreição. Quando já pude falar, deu-lhe graças em nome de todo o género humano, por cujo bem e remédio havia dado sua vida, e oferecido a morte tão afrontosa sua pessoa”<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> M. BERNARDES, *Ibidem*, 26.

<sup>42</sup> A. ARRAIS, *Ibidem*, 742.

O acontecimento redentor, que liberta do pecado, e o Espírito de filiação, que constitui a Igreja, conduzem a liberdade dos crentes na direcção do total sim mariano, que é também o da cruz, a envolver a Igreja na santidade mariana subjectiva e na petrina objectiva <sup>43</sup>.

No Cenáculo, a presença de Maria introduz na Igreja petrina a santidade imaculada e a invocação do Espírito Santo para todos. Ela, célula original da Igreja nascida aos pés da cruz, é a génese de toda a organização eclesial. O próprio Pedro, designado pelo Senhor como rocha eclesial, mas, negando-O três vezes, encontra no amor joânico-marial a força de responder à pergunta do Senhor: “Amas-me mais do que estes?” Ao lado de Pedro, está sempre João e a Mãe do Senhor. Há, assim, um traço de união entre a Igreja santa e a estrutura hierárquica <sup>44</sup>. Escreve o frade alentejano:

“Quando o Espírito Santo desceu visivelmente sobre os discípulos, a Virgem estava entre eles absorta em Deus, cheia de seus sentimentos, admirada dos dons de Seu Espírito, e participando dos bens que Ele do céu trazia. Porque, dado que a Sua vinda se dirigisse principalmente para significar nos Apóstolos a Graça que haviam de receber, e que havia de redundar nos fiéis por meio da sua pregação, sem embargo disso se deve crer que também foi dirigido à Virgem por especial privilégio. Porque, quanto à natureza do corpo, era, em alguma maneira, uma mesma cousa com Cristo, por quem a Graça e a verdade se fez, e derramou por toda a terra” <sup>45</sup>.

Mãe da vida divina, Ela é célula primeira e pura da Assembleia crente e “figura” da sua realização plena na Parusia. Ela é a Igreja viva em Deus, que gera o céu na terra, porque é sempre a comunhão Trinitária a sua dádiva aos filhos peregrinos, até ao fim dos tempos.

Se, na história da salvação, a Igreja nasce no momento de total união entre o céu e a terra, que Maria gera no seu seio e que, em Cristo, abre a toda a humanidade, esse momento é uma plenitude já presente na peregrinação do povo de Deus, de comunhão em comunhão.

No presente de plenitude, que é o Pentecostes, o dom da vida Trinitária gera-se no espaço maternal que O acolhe e O abre a toda

---

<sup>43</sup> Só o pecado dá ao homem a mentalidade do privado (do latim *privat* – o que priva), porque lhe tira o espírito de comunidade e a vontade de comunicação desinteressada. Quanto mais o homem recebe a graça tanto mais a deseja comunicar. Assim, Maria é manto de graça que se estende sobre os membros da Igreja. Cf. H. U. VON BALTHASAR, *Maria – Kirche im Ursprung*, Freiburg 1980, 50ss.

<sup>44</sup> IDEM, *Maria für heute*, Freiburg, 1987, 51.

<sup>45</sup> A. ARRAIS, *Ibidem*, 752.

a humanidade. Esse espaço é como cálice e patena marial, onde o Corpo e o Sangue do Ressuscitado se oferece em comunhão de amor com o Pai e com os homens.

Se a celebração eucarística actualiza o laço nupcial entre Deus Trino e a humanidade na entrega de Jesus Cristo “por nós”, ela realiza a comunhão do Corpo de Cristo no espaço marial que acolhe a entrega do seu Filho, entregando-se com Ele, por Ele e n’Ele, a ser espaço de comunhão onde a entrega é possível por consentimento nupcial. Patena e cálice vivo, Maria é a primeira célula eclesial, é a Igreja Imaculada que preside a toda a santa comunhão e que santifica tudo o que nós pobres pecadores realizamos <sup>46</sup>.

## Conclusão

A Virgem cheia de graça, cheia de vida divina e Mãe da vida divina, é bem a célula primeira e pura da Assembleia crente, figura da sua realização plena na Parusia.

A acção Trinitária que a tornou, em nupcial consentimento, Mãe Virgem da Igreja – Corpo de Cristo – conferiu-lhe a missão de gerar na história a comunhão na santidade.

Uma eclesiologia de comunhão, onde a nupcialidade da acção Trinitária com a acção salvífica da Igreja se centra no Mistério pascal, descobre em Maria o “sim” de Cristo na cruz já presente no seu “sim” da Anunciação, a gerar o “sim” da Igreja crente que peregrina na pureza acolhida do “sim” primeiro de Cristo e de Maria.

Nos dois escritores portugueses, que citámos, não encontramos explícita a proto-eclesialidade marial. Mas encontramos um implícito reconhecimento do papel de Maria, na resposta ao plano Trinitário. Esse papel, que se desenvolve na íntima relação com Cristo, do nascimento à morte na cruz, culmina no acolhimento do Espírito no Pentecostes. Coberta pela sombra do Altíssimo, o Espírito, que sobre ela desce na Anunciação para a geração do Filho de Deus encarnado, desce no Pentecostes para a geração do Corpo de Cristo redimido. Na humanidade, Maria é a perene acolhedora do Mistério Trinitário, no silêncio de adoração, que é a mais fecunda fonte do ser eclesial.

MARIA MANUELA DA CONCEIÇÃO DIAS DE CARVALHO

---

<sup>46</sup> H. U. VON BALTHASAR, *Maria für heute*, 39.